

A FILHA DO CONSPIRADOR



PHILIPPA GREGORY



A FILHA DO
CONSPIRADOR



Título original
The Kingmaker's Daughter

Copyright da edição original © 2012 Philippa Gregory

Publicado com o consentimento do editor original,
Touchstone, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.

Copyright da edição portuguesa
© 2013 Civilização Editora
Todos os direitos reservados

Design da capa © Departamento de Arte da S&S/Liane Payne

Fotografia da capa © Mark Owen/Arcangel Images
Fotografia da autora © James Stewart © PG Ltd

Tradução
Miguel Romeira

Adaptação da capa
Departamento Editorial

Revisão
Departamento Editorial

Pré-impressão, impressão e acabamentos
CEM Artes Gráficas

1.ª edição em março de 2013

ISBN 978-972-26-3519-6
Depósito Legal 355226/13

Civilização Editora
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27
4050-023 Porto
Tel.: 226 050 900
geral@civilizacaoeditora.pt
www.civilizacao.pt

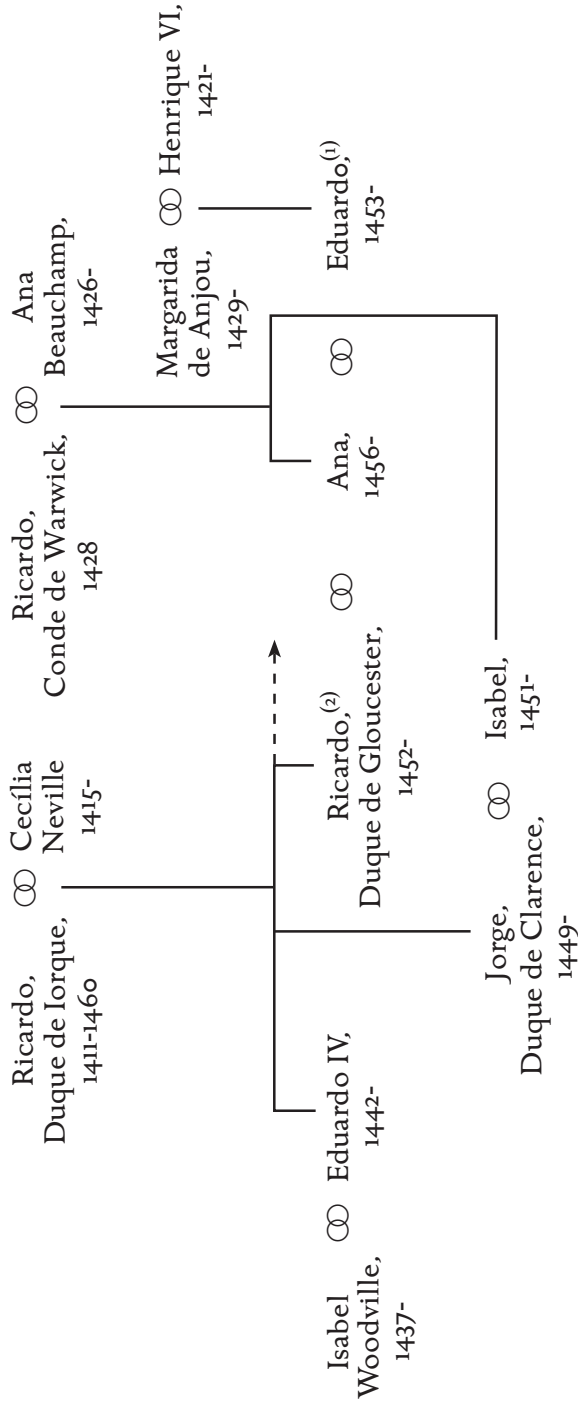


Para Anthony





ÁRVORE GENEALÓGICA DE ANA NEVILLE verão de 1465



TORRE DE LONDRES, MAIO DE 1465



A senhora minha mãe, uma grande herdeira de pleno direito e a esposa do mais importante súbdito do reino, é a primeira a entrar. Atrás dela vai Isabel, visto ser a mais velha. A seguir sou eu; vou no fim, vou sempre no fim. Não consigo ver grande coisa quando entramos na grande sala do trono da Torre de Londres. A minha mãe conduz a minha irmã até diante do trono, para ela fazer uma vénia, e depois afasta-se para o lado. Isabel desce o corpo quase até ao chão, tal como fomos ensinadas, porque um rei é um rei – ainda que se trate de um homem novo colocado no trono pelo meu pai. A esposa dele vai ser coroada rainha, não importa o que pensemos dela. Avanço para fazer também uma vénia e é então que consigo ver bem pela primeira vez a mulher que viemos honrar com a nossa presença na corte.

É uma mulher deslumbrante, a mais bela que já vi em toda a minha vida. Compreendo de imediato por que razão o rei mandou parar o seu exército ao vê-la pela primeira vez e a desposou poucas semanas depois. O sorriso dela abre-se devagar e depois resplandece, como se fosse o sorriso de um anjo. Já vi estátuas que pareceriam reles ao lado desta mulher e também já vi representações da Virgem Maria cujas feições teriam um ar vulgar em comparação com a sua graciosidade pálida e luminosa. Ergo-me, concluindo a vénia, e fico parada a fitá-la como se ela fosse um ícone de extremo primor; não consigo desviar o olhar. Sob o meu exame minucioso, ela acaba por corar; depois sorri-me e eu não consigo evitar abrir um sorriso radiante em resposta. Isso fá-la rir, como se achasse divertida esta minha adoração descarada, e então eu reparo na olhadela furiosa

que a minha mãe me lança e vou rapidamente pôr-me a seu lado. A minha irmã Isabel lança-me um olhar carrancudo.

– Estáveis ali parada a olhar como uma idiota – sussurra-me. – Embaraçastes-nos a todas. O que diria o Pai?

O rei avança até nós e beija afetuosamente a minha mãe nas duas faces.

– Já tivestes notícias do meu estimado amigo, o vosso senhor? – pergunta-lhe.

– Está a trabalhar diligentemente ao vosso serviço – responde ela com prontidão. O nosso pai não vai estar presente no banquete desta noite ou nas outras celebrações, visto ter-se ido encontrar com o Rei da França em pessoa e com o Duque da Borgonha; vai reunir-se de igual para igual com estes poderosos homens da Cristandade, para fazer as pazes com eles agora que o rei adormecido foi derrotado e que somos nós os novos governantes da Inglaterra. O meu pai é um homem muito importante; é ele quem representa este novo rei e toda a Inglaterra.

O rei, o novo rei – o nosso rei – cumprimenta Isabel com uma vénia na brincadeira e depois afaga-me o rosto. Conhece-nos desde que as duas éramos ainda muito pequenas para virmos a banquetes como este e ele próprio era um rapaz à guarda do meu pai. Entretanto, a minha mãe pôs-se a olhar em volta como se estivesse na nossa casa, no Castelo de Calais, a avaliar o serviço dos criados. Sei que ela está ansiosa por ver alguma coisa que possa depois descrever ao meu pai como prova de que esta rainha muito bela não está à altura da posição que ocupa. Mas, pela irritação no seu rosto, percebo que não consegui encontrar nada.

Ninguém gosta desta rainha; eu não deveria admirá-la. Não deveria importar-nos que ela sorria calorosamente a mim e a Isabel, ou que depois se erga do seu cadeirão e avance para vir apertar as mãos da minha mãe nas suas. Estamos as três determinadas a não gostar dela. O meu pai tinha um bom casamento já planeado para este rei, uma esplêndida união com uma princesa francesa. O meu pai esforçou-se por isso, preparou o terreno, redigiu o contrato nupcial e convenceu aqueles que odeiam os Franceses de que tal união

seria benéfica para o país, protegeria Calais e talvez até nos devolvesse Bordéus, mas então Eduardo, o novo rei, este novo rei bonito de nos cortar a respiração e tão sedutor, o nosso querido Eduardo – que era como um irmão mais novo para o meu pai e como um tio adorado para mim e para a minha irmã –, declarou, tão simplesmente como se estivesse a pedir o jantar, que já era casado e que nada poderia ser feito a tal respeito. Que já era casado...? Sim, e com *ela*.

Foi muito mal feito da parte dele agir sem se aconselhar primeiro com o meu pai; toda a gente o sabe. Foi a primeira vez que Eduardo agiu assim durante a longa e triunfal campanha que resgatou a Casa de Iorque da vergonha – quando eles tiveram de implorar o perdão do rei adormecido e da rainha má – e a levou à vitória e ao trono da Inglaterra. O meu pai tem estado sempre ao lado de Eduardo, aconselhando-o e orientando-o, ditando cada gesto seu. Foi sempre o meu pai a avaliar o que seria melhor para Eduardo. O rei, mesmo que agora seja o rei, é um jovem que deve tudo ao meu pai. Não teria chegado ao trono se o meu pai não tivesse defendido a sua causa, ensinando-lhe como se faz para liderar um exército e travando as batalhas dele em seu lugar. O meu pai arriscou a própria vida, primeiro pelo pai de Eduardo e depois pelo próprio Eduardo, mas então, logo depois de o rei adormecido e de a rainha má terem fugido, e de Eduardo ser coroado rei, quando tudo deveria ter ficado bem para todo o sempre, ele foi casar em segredo com *ela*.

É a nova rainha que nos vai conduzir ao salão de banquete, e as damas dispõem-se cuidadosamente atrás dela; há uma ordem a respeitar e é extremamente importante que cada uma de nós se certifique de que ocupa o lugar certo. Estando quase a fazer nove anos, já tenho idade mais do que suficiente para compreender isto; comecei a aprender as ordens de precedência na escola quando ainda era muito pequena. Como *ela* vai ser coroada amanhã, segue na frente. A partir de agora será sempre a primeira em tudo aqui na Inglaterra. Passará sempre à frente da minha mãe até ao fim da sua vida, e esse é outro pormenor que não agrada particularmente

à minha mãe. Atrás da nova rainha deveria seguir a mãe do rei, mas ela não está aqui; declarou a sua absoluta inimizade pela bela Isabel Woodville e jurou que não assistirá à coroação de uma plebeia. Toda a gente está a par desta cisão na família real e as irmãs do rei ocupam os respetivos lugares sem a supervisão da mãe. Parecem perdidas sem a bela Duquesa Cecília para lhes indicar o caminho, e, ao ver o espaço vazio onde deveria estar a sua mãe, o sorriso confiante do rei desaparece-lhe do rosto por um fugaz instante. Nem sei como ele se atreve a contrariar a duquesa, a tia do meu pai; ela é tão aterradora como a minha mãe e nunca ninguém desobedece a uma ou a outra. A única explicação que encontro é que Eduardo deve estar mesmo muito apaixonado pela nova rainha para desafiar a própria mãe. Deve amá-la mesmo de verdade.

Já a mãe da rainha está presente – não perderia, de maneira nenhuma, um momento de triunfo como este. Vem ocupar o seu lugar trazendo atrás o seu séquito de filhos e filhas e com o seu belo esposo, Sir Ricardo Woodville, a seu lado. Ele é o Barão Rivers, e a piada de que “os rios estão a subir” começa a ser sussurrada entre os convidados. É um facto que eles são tantos que até custa a acreditar. Isabel é a filha mais velha e atrás da sua mãe estão as suas sete irmãs e os seus cinco irmãos. Fico a olhar fixamente para o belo e jovem João Woodville, que está ao lado da sua nova esposa e que mais parece um menino pequeno a acompanhar a avó. Casaram-no à pressa com a Duquesa Viúva de Norfolk, Catarina Neville, a minha tia-avó. É um escândalo – até o meu pai o diz. Catarina, a senhora minha tia-avó, é muito idosa, uma valiosíssima ruína com quase setenta anos; poucas pessoas terão alguma vez visto, ainda com vida, uma mulher tão velha. Por seu lado, João Woodville é um jovem de vinte anos. A minha mãe diz que é assim que as coisas vão ser a partir de agora; quando se senta no trono da Inglaterra a filha de uma mulher que é pouco mais do que uma bruxa, é forçoso que se testemunhem acontecimentos sombrios. Se fizermos rainha uma ave de rapina, ela acabará por rapinar tudo.

Forço-me a desviar o olhar do rosto enrugado e cansado da minha tia-avó e concentro-me no que tenho a fazer. A minha tarefa

é certificar-me de que me mantenho ao lado de Isabel e atrás da minha mãe, sem lhe pisar a cauda do vestido – acima de tudo, que não lhe piso a cauda do vestido. Ainda só tenho oito anos, mas é obrigatório conseguir fazer isto bem. Isabel, que já tem treze anos, suspira ao ver-me olhar para baixo e arrastar os pés de maneira que as pontas dos mesmos estejam sempre por debaixo do opulento brocado, para garantir que não há possibilidade de cometer algum erro. E então Jacquetta, a mãe da rainha, a mãe da ave de rapina, vira-se e espreita de detrás dos próprios filhos para confirmar que eu estou no sítio certo e que não houve nenhum engano. Olha para trás como se o meu bem-estar a preocupasse, e, ao ver-me – atrás da minha mãe e ao lado de Isabel –, lança-me um sorriso tão belo como o da sua filha, um sorriso que é apenas para mim; depois torna a voltar-se para diante, toma o braço do seu elegante esposo e segue a filha, neste que é o momento do seu triunfo absoluto.

Depois de atravessarmos o centro do salão de banquete, passando por entre as centenas de pessoas que se levantaram para dar vivas ao verem a bela mulher que irá ser a sua nova rainha, e, quando já todos se tornaram a sentar, consigo ver novamente os adultos que estão na mesa mais elevada. Não sou a única que não para de olhar fixamente para a rainha. Ela atrai a atenção de toda a gente. Os seus olhos, rasgados e cinzentos, são os mais belos que eu já vi, e, quando sorri, olha para baixo como se estivesse a rir para com os seus botões, a rir de algum delicioso segredo. Eduardo, o rei, sentou-a do seu lado direito, e, quando lhe segreda algo ao ouvido, ela inclina-se para ele e os dois ficam tão próximos como se se fossem beijar. Isto é deveras chocante e errado, mas, quando olho para a mãe da nova rainha, vejo-a observar a filha com um sorriso, como se feliz por eles serem novos e estarem apaixonados. Não parece ter vergonha nenhuma da maneira como os dois se estão a comportar.

São uma família muitíssimo bem-parecida. Ninguém pode negar que são todos tão belos como se tivessem o mais azul dos sangues a correr-lhes nas veias. E são tantos! Seis dos Rivers e os dois filhos do primeiro casamento da nova rainha são ainda crianças, e

sentaram-nos à nossa mesa como se eles fossem jovens de sangue real e tivessem o direito de estar ao pé de nós, que somos filhas de uma condessa. Vejo Isabel olhar com irritação para as quatro belas jovens Rivers, da mais nova, Catarina Woodville, que ainda só tem sete anos, até à mais velha que está sentada à nossa mesa, Marta, que tem quinze anos. Para estas raparigas, quatro ao todo, terão de se conseguir esposos, dotes e fortunas, e atualmente não há, na Inglaterra, assim tantos esposos, dotes e fortunas – não depois de uma guerra entre as casas rivais de Lencastre e de Iorque, que já dura há dez anos e que já matou tantos homens. Estas raparigas irão ser comparadas connosco; serão nossas rivais. É como se a corte se tivesse inundado de jovens de perfil bem desenhado e com uma pele tão luminosa como uma moeda acabada de cunhar, jovens de vozes risonhas e com modos refinados. É como se tivéssemos sido invadidos por uma qualquer bela tribo de raparigas desconhecidas, como se estátuas tivessem ganhado vida e agora dançassem no meio de nós, como se pássaros tivessem descido do céu para cantarem ou como se peixes tivessem saltado para fora do mar. Olho para a minha mãe e vejo-a corada de irritação, tão acalorada e arreliada como a mulher de um padeiro. Ao lado dela, a rainha resplandece como um anjo brincalhão, sempre de cabeça inclinada para o seu jovem esposo e de lábios entreabertos como se ele fosse ar fresco que ela desejasse inspirar.

Este banquete é uma ocasião muito empolgante para mim porque Jorge, o irmão do rei, está sentado à cabeceira da nossa mesa, e Ricardo, o seu irmão mais novo, está sentado na outra ponta. Jacquetta, a mãe da rainha, lança um sorriso caloroso na direção da mesa dos mais jovens, e então compreendo que ela planeou as coisas mesmo assim, pensando que seria divertido para nós, as crianças, sentarmo-nos todas juntas, e que seria uma honra termos Jorge à cabeceira da nossa mesa. Ao ver-se sentada com dois duques reais ao mesmo tempo, Isabel pôs-se irrequieta como uma ovelha acabada de tosquiar. Nem sabe para que lado há de olhar, de tão ansiosa que está por impressionar ambos. E – o que é muito pior – as duas jovens Rivers mais crescidas, Marta e Leonor

Woodville, estão a ofuscá-la sem fazerem o menor esforço. Têm as duas os traços delicados desta família de gente bela e mostram-se confiantes, seguras e sorridentes. Isabel está a esforçar-se em demasia, e eu, sentindo os olhares críticos da minha mãe em cima de mim, pus-me no meu habitual estado ansioso. Mas as jovens Rivers agem como quem está ali para celebrar um acontecimento feliz, como quem espera divertir-se e não ser repreendido; são raparigas cheias de autoconfiança e inclinadas à boa disposição. É claro que os duques reais as vão preferir a mim e a Isabel. Jorge conhece-nos desde sempre; para ele, não somos duas beldades desconhecidas. Ricardo, sendo protegido do meu pai, ainda está à sua guarda; quando estamos aqui na Inglaterra, ele conta-se entre a meia dúzia de rapazes que vivem connosco. Vê-nos três vezes ao dia. Era óbvio que ele se ia pôr a olhar para Marta Woodville, que está toda arranjada, que é nova na corte e que é uma beldade, tal como a sua irmã, a nova rainha. Mas irrita-me que ele me ignore por completo.

Com quinze anos, Jorge é tão bem-parecido como o seu irmão mais velho, o rei; é alto e tem o cabelo louro.

– Deve ser a primeira vez que jantais aqui na Torre, não é verdade, Ana? – pergunta-me de repente. Fico tão exultante quanto aterrada por ele ter reparado em mim; sinto as faces arderem, mas lá consigo responder-lhe “sim” de maneira que se perceba.

Ricardo, que está sentado na outra ponta da mesa, tem menos um ano do que Isabel e não é mais alto do que ela, mas, agora que o seu irmão é Rei da Inglaterra, parece muito mais alto e bem mais bonito. Nunca vi um sorriso tão brincalhão como o dele nem uns olhos tão bondosos, mas hoje, como resolveu ser muito bem-comportado no banquete de coroação da sua cunhada, mostra-se formal e silencioso. Tentando conversar com ele, Isabel põe-se a falar sobre montar a cavalo e pergunta-lhe se ele se lembra do pequeno pônei que tínhamos no Castelo de Middleham. A sorrir, pergunta-lhe se não foi tão divertido quando o Pepper largou a correr disparado e o fez cair ao chão. Ricardo, que sempre foi vaidoso que nem um pavão, volta-se para Marta Woodville e responde que não se lembra. Isabel está a tentar dar a entender que nós somos amigos,

que somos os melhores amigos que há, mas a verdade é que Ricardo era apenas um de meia dúzia de protegidos do meu pai com quem nós costumávamos ir à caça e jantar nos tempos em que estávamos instalados na Inglaterra em permanência e se vivia em paz. Isabel quer convencer as jovens Rivers de que nós somos uma família feliz e elas são intrusas indesejadas, mas a verdade é que nós éramos as “meninas de Warwick” e estávamos ao cuidado da nossa mãe, enquanto os rapazes Iorque passavam o tempo a andar a cavalo com o nosso pai.

Isabel bem pode fazer as carrancas que quiser, mas eu cá não estou disposta a deixar-me intimidar. Temos mais direito de estar sentadas a esta mesa do que qualquer outra pessoa, muito mais do que as belas jovens Rivers. Somos as herdeiras mais ricas da Inglaterra e o meu pai é quem manda nos mares estreitos¹ entre Calais e a costa inglesa. Pertencemos à importante família Neville, os guardiões do Norte da Inglaterra; temos sangue real a correr-nos nas veias. O meu pai foi o tutor de Ricardo, e também mentor e conselheiro do próprio rei, e ninguém aqui no salão é mais do que nós; somos mais ricos do que qualquer um dos presentes, mais ainda do que o rei, e somos de muito melhor berço do que a nova rainha. Posso falar de igual para igual com qualquer duque real pertencente à Casa de Iorque, porque sem o meu pai a casa deles teria perdido as guerras, a Casa de Lencastre estaria ainda no poder e Jorge, ainda que belo e com modos de príncipe, seria agora o irmão de um zé-ninguém e o filho de um traidor.

O banquete vai ser demorado, mas o de amanhã, o banquete de coroação da rainha, ainda vai ser mais. Esta noite haverá trinta e dois pratos, e a rainha manda alguns mais especiais para a nossa mesa, para nos honrar com a sua atenção. Jorge põe-se de pé e agradece-lhe com um inclinar de cabeça, e depois serve-nos a todos da travessa de prata. Vê-me olhá-lo atentamente e, com um piscar de olhos, rega o meu prato com mais uma colher de molho. De vez

¹ O que viria a ser conhecido como o Canal da Mancha ou “Canal Inglês”; essas designações apenas se generalizaram nos séculos XVII e XVIII, respetivamente. (*N. do T.*)

em quando, a minha mãe lança-me um dos seus olhares, qual feixe luminoso de uma torre de vigia a varrer o mar escuro. De cada vez que sinto aquele seu olhar severo em cima de mim, ergo a cabeça e sorrio-lhe. Tenho a certeza de que ela não tem nada a apontar-me. Estou a segurar num dos novos garfos e tenho um guardanapo enfiado na manga, como se fosse uma senhora francesa muito experiente nestas modas recentes. Do meu lado direito está um copo com vinho misturado com água e estou a comer tal como me foi ensinado: com modos delicados e sem pressa. Se Jorge, que é um duque real, resolver dar-me mais atenção do que aos restantes, não vejo porque não haveria de o fazer, nem porque deveria alguém ficar surpreendido com isso. Eu cá não fico surpreendida, de certeza absoluta.



Enquanto somos hóspedes do rei na Torre, na noite de véspera da coroação da rainha, divido a cama com Isabel tal como costumamos fazer na nossa casa em Calais – tal como fiz em todas as outras noites da minha vida. Sou mandada para a cama uma hora antes dela, mas estou demasiado excitada para dormir. Digo as minhas orações e depois fico deitada na minha cama a escutar a música que chega até ali ao quarto vinda do salão lá em baixo. Ainda estão a dançar; o rei e a sua esposa adoram dançar. Quando Eduardo lhe segura na mão, é evidente que tem de fazer um esforço para não a puxar para mais perto dele. Ela baixa o rosto, e, quando torna a erguê-lo, o rei continua a fitá-la com aquele seu olhar fogo, e ela abre um ligeiro sorriso carregado de promessas.

Não consigo deixar de me perguntar se o velho rei, o rei adormecido, estará acordado esta noite algures nas terras inóspitas do Norte da Inglaterra. É deveras horrível pensar nele, dormindo profundamente mas sabendo, mesmo em sonhos, que eles estão a dançar e que um novo rei e uma nova rainha se coroaram e se foram instalar no lugar dele, e que, amanhã, uma nova rainha usará a coroa que antes foi da mulher dele. O meu pai diz que eu nada tenho a temer,

que a rainha má fugiu para a França e que não vai conseguir a ajuda dos seus amigos franceses. O meu pai foi-se encontrar com o Rei da França em pessoa para se assegurar de que ele se torna nosso amigo e de que a rainha má não consegue a sua ajuda. Ela é nossa inimiga, é a inimiga da paz na Inglaterra. O meu pai vai tomar providências para que ela não encontre um lar na França, tal como não encontrará um trono à sua espera na Inglaterra. Entretanto, o rei adormecido, sem a esposa e sem o filho, continuará aconchegado num qualquer pequeno castelo algures perto da Escócia, passando o resto da sua vida a dormir tal como as abelhas que, durante todo o inverno, se deixam ficar metidas por entre as pedras da muralha. O meu pai diz que ele ficará a dormir e que a rainha má continuará a arder de fúria até ambos se tornarem velhos e morrerem, e que eu não tenho absolutamente nada de que ter medo. Foi o meu pai quem corajosamente afastou do trono o rei adormecido, pondo depois a sua coroa na cabeça do Rei Eduardo, portanto essa deve ter sido a coisa certa a fazer. Foi o meu pai quem enfrentou o terror que era a rainha má, uma loba pior ainda do que os lobos da França, e que a derrotou. Mas não gosto de pensar no velho rei Henrique com o luar a incidir-lhe nas pálpebras fechadas enquanto os homens que o levaram daqui para fora estão a dançar naquele que antes foi o seu salão de banquete. Não gosto de pensar na rainha má, que está na França, muito longe daqui, a jurar que se vingará de nós, amaldiçoando a nossa felicidade e dizendo que regressará a este lugar e que lhe tornará a chamar “a sua casa”.

Quando Isabel finalmente vem para o quarto, estou ajoelhada junto à janela estreita para ver o luar refletido no rio, enquanto penso no rei que sonha sob esta mesma luz.

– Devíeis estar a dormir – observa ela, toda mandona.

– Ela não pode vir fazer-nos mal, pois não?

– Quem, a rainha má? – Isabel reconhece de imediato o meu horror à Rainha Margarida de Anjou, que assombrou tanto a minha infância como a dela. – Não. Ela foi vencida; foi cabalmente derrotada pelo nosso pai em Towton. E depois fugiu. Já não pode regressar.

– Tendes a certeza?

Isabel passa um braço em volta dos meus ombros magros.

– Bem sabeis que eu tenho a certeza. Sabeis que estamos a salvo. O rei doido está a dormir e a rainha má foi derrotada. Essa conversa é apenas uma desculpa para continuardes acordada quando deveríeis estar a dormir.

Obedientemente, volto-me, meto-me na cama e puxo os lençóis até ao queixo.

– Vou dormir. Não foi tudo tão maravilhoso?

– Não particularmente.

– Não a achais tão bonita...?

– A quem...? – interroga Isabel, como se de facto não soubesse a quem me refiro, como se não nos entrasse a todos pela vista dentro quem é a mulher mais bela da Inglaterra esta noite.

– A nova rainha, a Rainha Isabel.

– Bem, eu cá não a acho com ar de rainha – replica a minha irmã, tentando soar como a nossa mãe no auge do desdém. – Não sei como irá ela fazer na coroação, e depois durante o torneio e os jogos; ela era apenas a mulher de um escudeiro do campo e a filha de um zé-ninguém. Como vai saber como se deve comportar?

– Porquê? Como vos comportaríeis em seu lugar? – pergunto-lhe, tentando prolongar a conversa. Isabel sabe sempre muito mais do que eu; é cinco anos mais velha e a favorita dos nossos pais, tem um casamento magnífico pela frente e já é quase uma mulher, enquanto eu ainda sou apenas uma criança. Até à rainha ela olha de cima!

– No lugar dela, eu teria um comportamento muito mais digno. Não me poria a sussurrar coisas ao rei e a rebaixar-me como ela fez. Não me teria posto a mandar levar pratos especiais às mesas e a acenar aos convidados como ela fez. Não teria trazido para a corte todos os meus irmãos e irmãs em procissão, como ela fez. Mostrar-me-ia muito mais fria e reservada. Não sorriria nem faria vénias a ninguém. Seria uma verdadeira rainha, uma rainha de gelo, sem família nem amigos.

Sinto-me tão atraída pela imagem que ela evocou que por pouco não saio outra vez da cama. Puxo o cobertor de pele da cama e estendo-lho.

– Como assim? Como sériéis? Mostrai-me, Izzy!

Ela coloca-o em volta dos ombros, como se fosse uma capa; põe-se toda muito direita e empina o nariz do alto do seu metro e trinta e sete, e começa a andar a passos largos pelo pequeno quarto, de cabeça bem erguida, acenando aos cortesãos imaginários com um ar distante.

– Assim – explica. – *Comme ça*, elegante e sem dar confiança a ninguém.

Salto da cama, agarro num xaile, cubro a cabeça e sigo-a, imitando os seus acenos para a esquerda e para a direita, com uns modos tão régios como os seus.

– Que tal passais? – pergunto para uma cadeira vazia. Detenho-me, como se estivesse a ouvir alguém fazer-me um pedido. – Não, de modo algum. Não poderei ajudar-vos, lamento; já confiei esse cargo à minha irmã.

– Ao meu pai, Lorde Rivers – acrescenta Izzy.

– Ao meu irmão António, que é tão bem-parecido.

– Ao meu irmão João, e também dei uma fortuna às minhas irmãs. Não sobrou nada para vós. Tenho uma família numerosa – declara Isabel, arrastando as palavras com uma altivez de rainha. – E devo assegurar o bem-estar de todos eles. Assegurá-lo generosamente.

– De todos eles – reforço. – E são às dúzias. Não vistes como tantos deles entraram no salão de banquete, em fila atrás de mim? Onde quereis que eu vá desencantar títulos e propriedades para todos eles?

Vamos andando pelo quarto em amplos círculos; de vez em quando passamos uma pela outra, e então cumprimentamo-nos com um inclinar de cabeça carregado de esplêndida indiferença.

– E quem sois vós? – pergunto eu com frieza.

– Sou a Rainha da Inglaterra – replica Isabel, mudando as regras do jogo sem aviso. – Sou a Rainha Isabel da Inglaterra e da França, e acabo de desposar o Rei Eduardo. Ele apaixonou-se por mim graças à minha beleza. É louco por mim. Perdeu completamente a cabeça por mim e esqueceu-se dos seus amigos e do seu dever. Casámos em segredo e agora eu vou ser coroada rainha.

– Não, não, quem estava a fazer de Rainha da Inglaterra era *eu* – protesto, atirando o xaile para o chão e virando-me para ela. – Eu é que sou a Rainha da Inglaterra. Sou a Rainha Ana da Inglaterra. Fui eu a escolhida pelo Rei Eduardo.

– Ele nunca faria isso, sois a mais nova de nós as duas.

– Mas fez! Mas fez! – apercebo-me da minha irritação a crescer e compreendo que vou dar cabo da brincadeira, mas não suporto dar-lhe precedência outra vez, mesmo tratando-se apenas de um jogo a que estamos a jogar nos nossos aposentos.

– Não podemos fazer as duas de Rainha da Inglaterra – diz ela, o que é razoável da sua parte. – Fazei de Rainha da França; eu deixo-vos serdes a Rainha da França. A França também é um sítio agradável.

– Inglaterra! Eu sou a Rainha da Inglaterra. Odeio a França!

– Isso é que não podeis ser – declara ela sem rodeios. – Eu sou a mais velha e escolho primeiro. Sou a Rainha da Inglaterra e Eduardo está apaixonado por mim.

Fico sem palavras, de tão furiosa que estou por Isabel querer tudo para si, por de repente ela se ter feito valer da sua condição de mais velha e por termos passado, tão de repente, de uma brincadeira bem-disposta para uma rivalidade declarada. Bato com o pé no chão, fico toda vermelha de fúria e sinto lágrimas arderem-me nos olhos.

– Inglaterra! A rainha sou eu!

– Estragais sempre tudo por serdes uma bebé – declara então ela, voltando-me costas no mesmo instante em que a porta se abre por trás de nós e Margarida entra no quarto, dizendo:

– Já são horas de estardes as duas a dormir, minhas senhoras. Deus seja louvado! O que foi que fizestes às roupas da cama?!

– Isabel não me quer deixar... – começo a explicar. – Ela está a ser mesquinha...

– Esquecei isso – interrompe-me Margarida. – Para a cama. Seja o que for, podereis dividi-lo entre as duas amanhã.

– Ela não quer dividir nada! – engulo lágrimas salgadas. – Nunca quer! Estávamos as duas a brincar, só que depois ela...

Isabel deixa escapar uma risada seca, como se o meu desgosto fosse alguma piada, e depois troca um olhar com Margarida como quem diz “o bebé pôs-se outra vez a fazer birra”. Para mim, isso é a gota de água. Deixo escapar um queixume e atiro-me para cima da cama, de cara para baixo. Ninguém se importa comigo, ninguém vai perceber que estávamos as duas a brincar como iguais, como irmãs, até Isabel ter reivindicado algo que não lhe cabia. Ela já devia saber que deve partilhar as coisas com os outros. Não está certo que eu venha sempre em último, sempre, sem exceção.

– Não está certo! – digo, desgostosa. – Não é justo para comigo!

Isabel volta-se de costas para Margarida, que então lhe desaperta o vestido e o desce de maneira que a minha irmã possa sair dali de dentro, toda desdenhosa, como a rainha que estava a fingir ser. Margarida estende o vestido sobre uma cadeira, deixando-o pronto para amanhã ser empoado e escovado; Isabel enfia uma camisa de noite pela cabeça e depois deixa que Margarida lhe escove os cabelos e os prenda numa trança.

Ergo o rosto congestionado da almofada para observar as duas, e então Isabel olha de relance para os meus grandes olhos trágicos e diz secamente:

– Seja como for, já devíeis estar a dormir. Pondes-vos sempre a chorar quando estais cansada. Sois uma bebé. Não vos deviam ter deixado ir ao banquete – olha para Margarida, que, com os seus vinte anos, é já uma mulher adulta, e diz: – Margarida, dissei-lhe que é assim.

– Tratai de dormir, Lady Ana – pede-me delicadamente Margarida. – Não há motivo nenhum para continuardes assim – então eu viro-me de lado e ponho-me a olhar para a parede. Margarida não devia falar-me desta maneira; ela é a dama de companhia da minha mãe e nossa meia-irmã, e devia ser mais solidária comigo. Mas nunca ninguém me trata com respeito nenhum, e a minha própria irmã odeia-me. Ouço as cordas da cama rangerem quando Isabel se deita ao meu lado. Nunca ninguém a obriga a dizer as suas orações, embora seja óbvio que ela há de ir para o Inferno. Margarida diz:

– Boa noite, dormi bem e que Deus vos abençoe – depois apaga as velas com um sopro e sai do quarto.

Ficamos as duas sozinhas sob a luz da lareira. Sinto Isabel puxar os cobertores para o seu lado da cama e deixo-me ficar quieta. Ácida e cheia de malícia, ela sussurra:

– Podeis chorar a noite toda se quiserdes, mas, mesmo assim, eu hei de ser Rainha da Inglaterra e vós não.

– Eu sou uma Neville! – guincho.

– Margarida é uma Neville – observa Isabel, provando que tem razão. – Mas é ilegítima; é apenas uma bastarda que o nosso pai reconheceu. Por isso serve-nos de dama de companhia e há de casar-se com algum homem respeitável, enquanto eu desposarei um duque rico, no mínimo dos mínimos. E, agora que penso no assunto, provavelmente vós também sois ilegítima e tereis de ser a minha dama de companhia.

Sinto um soluço subir-me pela garganta mas cubro a boca com as duas mãos. Não lhe vou dar a satisfação de me ouvir chorar. Vou sufocar os meus soluços. Se conseguisse, até me fazia parar de respirar; e então teriam de escrever ao meu pai a dizer que eu estava gelada e morta, e depois Isabel sentiria remorsos por eu ter sufocado devido à sua crueldade, e o meu pai – que hoje está tão longe – culpá-la-ia pela perda da sua pequenina, que ele amava mais do que a qualquer outra pessoa. Em todo o caso, ele devia amar-me mais do que a qualquer outra pessoa. Pelo menos, eu gostava que assim fosse.